

REPAGINADA A Floresta da Tijuca, no meio do Rio: abaixo, os bugiões que devem ser inseridos no habitat ainda neste ano e um carcará, ave que já é comum desde o início do reflorestamento da região, tomada por fazendas no passado



Parque Nacional da Tijuca

ÁREA **3 953 hectares** (o equivalente a 318 estádios do Maracanã)

TIPO DE VEGETAÇÃO Mata Atlântica

FAUNA **328 espécies** (como **tucanos-do-bico-preto**, macacos-prego e quatis)

FLORA **1 619 espécies** (como **bromélias**, palmitos-juçara e cedros)

PONTOS TURÍSTICOS Pico da Tijuca, Corcovado e Pedra da Gávea



A VIDA DE VOLTA À FLORESTA

Ambicioso projeto pretende resgatar a fauna original do Parque Nacional da Tijuca, pedaço reflorestado da Mata Atlântica no Rio que foi mandado plantar por dom Pedro II

JENNIFER ANN THOMAS

A Floresta da Tijuca, no coração do Rio, serve de emblema do conflito entre progresso e natureza que marca a história do Brasil desde o descobrimento, em 1500. “Nossas preciosas matas vão desaparecendo, vítimas do fogo e do machado da ignorância; com o andar do tempo faltarão até as chuvas fecundantes, que favorecem a vegetação”, previu o estadista, naturalista e poeta José Bonifácio em 1823, ao ver a Tijuca sendo desmatada. Por séculos, a floresta foi devastada para dar lugar a cafezais. Bonifácio foi tutor de Pedro II, e influenciou as ideias ambientalistas do último imperador do país. Foi de Pedro II a iniciativa de reverter a situação da Tijuca. Em 1861, antes mesmo da criação do simbólico parque de Yellowstone, nos Estados Unidos — marco do início das preocupações conservacionistas no planeta, ideia tão em voga hoje —, o imperador expulsou fazendeiros e instituiu a área protegida da Floresta da Tijuca. O local estava desflorestado, e levou um século para, em 1961, a flora ser resgatada e a região virar um parque, que ocupa 3,5% do território da capital fluminense (*veja ao lado*) e é considerado a maior floresta urbana replantada do mundo. O habitat, porém, ainda é tido como “morto” por ambientalistas, pois, se há nele

1 619 espécies de planta, faltam animais. A boa notícia: teve início um extraordinário esforço para recriar a Mata Atlântica original. Desta vez, o que se quer é reviver a fauna da Tijuca.

Passado mais de meio século de sua criação, o parque continua a enfrentar a destruição humana. Hoje, a pressão urbana sobre a floresta vem de incêndios provocados pela queda de balões, do extrativismo ilegal da flora, da caça a animais exóticos para comercializá-los no mercado negro e do avanço de favelas do entorno, a exemplo da Rocinha e da Dona Marta. “A volta dos animais, principalmente os de porte maior, fará com que as pessoas entendam que aquilo é uma floresta e que, portanto, deve ser protegida”, explica o biólogo Ernesto Viveiros de Castro, diretor do parque.

Castro coordena o projeto de reintrodução das espécies. Já foram realocadas na floresta, em parceria com pesquisadores, como os da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aves e cutias. O próximo passo, o mais ousado, será levar um grupo de cinco bugios, macacos de pelagem colorida, que pesam até 10 quilos e cujo “ronco” (um grito forte e grosso) os caracteriza. “Além de terem o papel fundamental de dispersar sementes diversas, algo essencial para o balanço do ambiente, os bugios, com seu barulho, farão a população notar de vez a vida na floresta”, aposta Castro.

Os animais estão sendo preparados em cativeiro no Centro de Prima-



FOTOS VITOR MARIQO

FOTOS MINDEN PICTURES/ LAINSTOCK E VITOR MARIQO



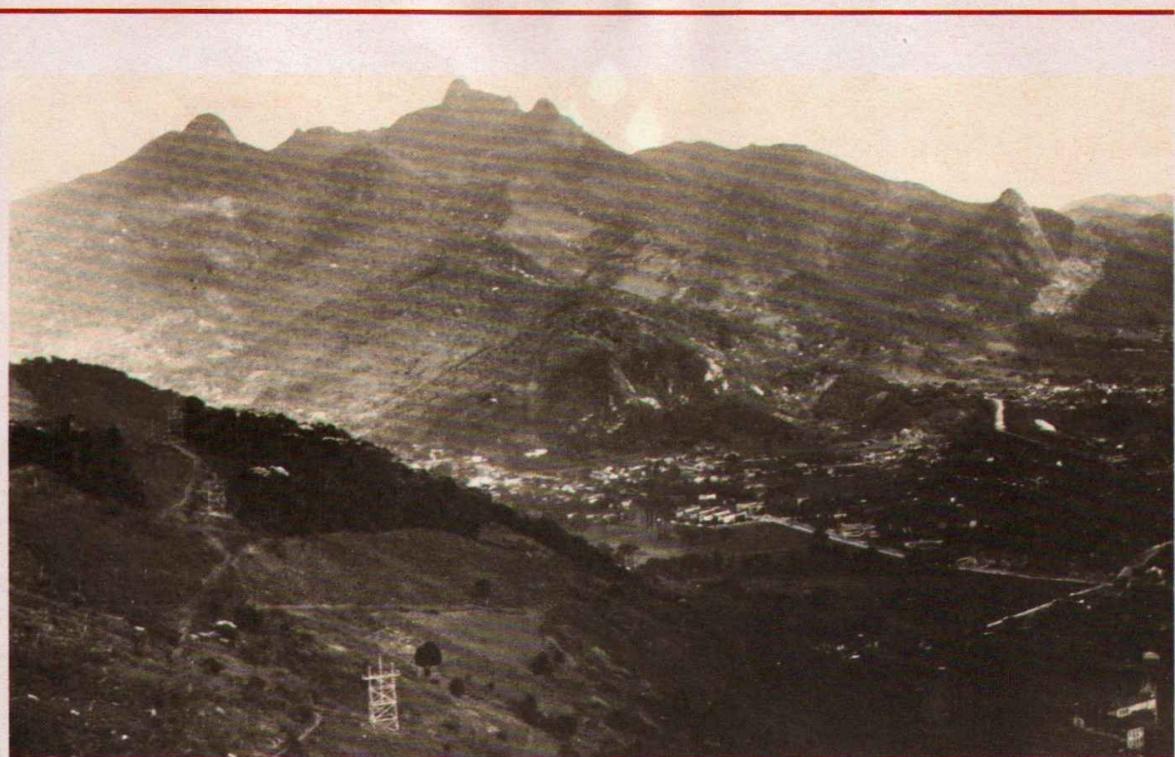
THE BRIDGEMAN/KEystone BRASIL

tologia, em Guapimirim, a 84 quilômetros da capital, para retornar à natureza até o fim deste ano. VEJA teve acesso exclusivo aos planos de reviver a Tijuca, um projeto de 3 milhões de reais. “A mata está recuperada, mas sem os bichos não há o mesmo valor, pois são eles que dão força e estabilidade ao bioma”, afirma Castro. Sem eles, as sementes das árvores não se dispersam, o que, eventualmente, levaria ao desaparecimento das plantas — ou exigiria um esforço contínuo de plantio de novas mudas. Com os bugios, o objetivo é realizar três solturas nos próximos três anos, sendo a primeira até o fim de 2015. Nesta leva serão cinco exemplares, sendo quatro adultos — os machos Hanuman e Chico e as fêmeas Kala e Maia — e um jovem, César. Dois dos mais velhos nasceram em cativeiro, enquanto os

outros três são fruto de apreensões do Ibama — César, por exemplo, era animal de estimação de um dos maiores traficantes de drogas do Rio.

Antes de levá-los à floresta, biólogos adaptam a dieta dos animais, ensinam os macacos a achar comida na mata e também a se impor em território selvagem. Quando libertados, os bugios serão monitorados por colares dotados de um equipamento de GPS. Há, porém, um grande risco de a iniciativa não vingar, e os biólogos envolvidos admitem a provável falha. De comportamento de bando, os bugios podem se separar acidentalmente e, se isso ocorrer, provavelmente morrerão de fome. Outros animais, como os macacos-prego, também podem não receber bem os novos e imponentes habitantes, o que costuma gerar conflitos. Por fim, a fiscalização falha talvez não dê conta de combater caçadores ilegais.

A reintrodução de espécies em seus habitats é uma iniciativa arriscada. Experiências internacionais apontam para uma probabilidade de erro em torno de 70%. Em outras palavras, de cada dez tentativas de voltar com uma espécie para a natureza, apenas três deram certo. Caso emblemático (pelo lado negativo) foi a realocação de lobos-cinzentos na reserva de Yellowstone, nos Estados Unidos. Por sete décadas o lobo foi considerado extinto naquela região, e o único predador no topo da cadeia alimentar era o urso-cinzento. Quando o lobo voltou, as duas espécies começaram a disputar caça e território. Houve relatos de conflitos diretos entre lobos e ursos. Hoje, eles convivem, mas não em um balanço ideal, e o projeto de reintrodução não é considerado totalmente bem-sucedido.



MARC FERREZ/INSP

HISTÓRICO DE CONFLITOS

A Tijuca ficou entre a destruição e a recuperação: no século XIX, cafezais devastaram a área, como mostra a pintura Desmatamento de uma Floresta, de Johann Moritz Rugendas; acima, foto de Marc Ferrez, de 1885, no reflorestamento; à direita, o imperador Pedro II, que iniciou o projeto ambientalista

Por que apostar em tática tão arriscada na Tijuca? As expectativas de sucesso são altas justamente por se tratar de uma floresta reconstruída. A área tem servido de laboratório ambientalista por séculos. O replantio foi efetivo e, se os biólogos fizerem o trabalho com calma, tudo indica que a reintrodução de animais poderá ter final feliz. Por mais irônico que possa parecer, colabora ainda o fato de se tratar de uma floresta urbana, ou seja, no coração de uma metrópole. Como não se aventuram pelas ruas da cidade (comportamento só visto em desenho animado), não há como os animais fugirem da mata e se dispersarem para outros lugares, des-



HARALD SCHULTZ/EPN

trutivos. Mesmo se tiverem a ousadia de se misturar aos humanos, as cutias e os bugios (e será assim com toda espécie inserida no habitat daqui para a frente) podem ser recuperados com o apoio de GPS e radiotransmissores.

Caso as três levas de bugios se adaptem corretamente, a intenção do projeto

é continuar com a realocação de animais em cativeiro. Os próximos a chegar devem ser um grupo de três espécies de ave, os araçaris-banana, os araçaris-de-bico-branco e os trinca-ferros. A longo prazo, o objetivo é aumentar o número de espécies até atingir o patamar original, no padrão de uma Mata Atlântica crua. Para se ter uma ideia, hoje há 63 tipos de mamífero na Tijuca. A meta mais ambiciosa é chegar no mínimo ao dobro, próximo à média de um habitat similar.

Se o plano der certo, poderá servir de modelo de recuperação da Mata Atlântica brasileira, que em sua origem tomava 15% do Brasil, incluindo todo o Estado do Rio de Janeiro. Após 515 anos do descobrimento pelos portugueses, sobraram apenas 12,5% de toda a extensão natural da mata no país. No Rio, menos de 20% da área do estado é hoje florestada. “Um dos maiores sonhos dos ambientalistas brasileiros é reverter esse cenário, e queremos ser a inspiração para isso”, diz Castro. “Aliás, somos ambiciosos, pois pretendemos virar um laboratório com bons exemplos para qualquer projeto de reflorestamento e recuperação de animais no planeta”, conclui o biólogo. ■